

A CASA DO ADMINISTRADOR

PARQUE JARDIM DA LUZ





Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito

Gilberto Kassab

Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente

Secretário

Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho

Departamento de Parques e Áreas Verdes - DEPAVE

Diretor

Wagner Alcalá Dias

DEPAVE 1

Diretora

Arquiteta Elaine Pereira da Silva

Seção Técnica de Obras e Fiscalização - DEPAVE - 13

Eng^a Kátia Verdini de Oliveira

Eng^o Civil Igor Figueiredo Ferreira de Souza

Administrador do Parque Jardim da Luz

André Camili Dias

Concepção do Livro:

Sílvia Costa Glueck

Mônica Cristina Ribeiro

Celia Rolim Giosa

André Camili Dias

Capa e Ilustrações:

Pedro Henrique Nunes da Cunha

Luana Pereira de Andrade

Projeto Gráfico:

Fábio Augusto Lopes

Pedro Henrique Nunes da Cunha

Sílvia Costa Glueck

Diagramação:

Fábio Augusto Lopes

Fotos:

Acervo SVMA

Acervo Família Etzel

Pedro Henrique Nunes da Cunha

André Camili Dias

Rossini Perez

Guilherme Gaensly

Material Fotográfico de Exposição realizada no

Parque Jardim da Luz em 2000 - Carlos Ungaretti Dias

Textos:

“Um Médico do Séc. XX Vivendo Transformações”, de
Eduardo Etzel. Edusp/Nobel, 1987.

Seleção e Revisão de Textos:

Mônica Cristina Ribeiro



Equipe Emurb e do Programa Monumenta São Paulo
Secretário de Infra-Estrutura e Obras e Presidente da Emurb:
Marcelo Cardinale Branco

Presidente da Emurb - período 7/2/2006 a 26/10/2006:
Maria Angélica Travolo Popoutchi

Diretor de Desenvolvimento e Intervenções Urbanas da Emurb:
Rubens Chammas

Diretor de Projetos e Intervenções Urbanas da Emurb
período 13/9/2005 -2/4/2007:
Raul David Valle Junior

Equipe Técnica:

Diana Teresa Di Giuseppe
Edméa Fioretti Matteu
Sonia Regina Chiaradia
Vera Helena Verlangieri Passos de Jesus
Lucia Miyuki Okumura
Nivaldete Sanches C de Jesus
Maria Cristina Fernandes
Paulo de Moraes Junior
Rosana de Oliveira Miranda Gonçalves
Ana Lucia de Moura Moreira
Carolina Martinez Santos
Ana Lucia De Moura Moreira
Luciana Da Costa
Murilo Scarpellini Vieira – *Estagiário*

Programa Monumenta Brasília

Presidente do Iphan/Coordenador do Programa Monumenta:
Luiz Fernando de Almeida

Coordenador Nacional Adjunto do Programa Monumenta:
Robson Antonio de Almeida

Coordenação Técnica do Programa Monumenta:
Marco Antonio Galvão

Coordenação Técnica de São Paulo:
Sylvio Farias

Equipe da Secretaria Municipal de Cultura
Secretário Municipal da Cultura:
Carlos Augusto Calil

Diretor do Departamento do Patrimônio Histórico – DPH:
Walter Pires

Coordenação Administrativa:
Regina Célia Pousa Ponte

Equipe Técnica:

Mauro Sanches
Lia Mayumi
Rafaela Calil Bernardes

Equipe da Tarumã Engenharia Ltda
Engenheiros Responsáveis:

Isaías Steinberg
Milton Kochen

Equipe Técnica:

Clara Toshie Kodaira
Elisiário V. da Silva
Edineide Lopes
Adão Angelo de Freitas

Equipe de Restauro

Júlio Moraes Conservação e Restauro Ltda.

Júlio Eduardo Correa Dias de Moraes
Ana Paula Jacinto Tabanes Dias de Moraes Claudemir Ignácio

Auxiliares de Restauro:

Lindalva Jacinto Tabanez
Cristiano Alberto Gimenes
Edson dos Santos Andrade
Robério Soares Ribeiro
Marcelo Pereira de Sousa
Natanael da Silva

O Parque da Luz é o primeiro parque público da cidade de São Paulo. Criado no século XVIII como Horto Botânico, remonta ao período colonial, quando a Coroa Portuguesa determinou a implantação de hortos pelo Brasil. Em 1825 foi aberto ao público como Jardim Botânico, tornando-se o primeiro espaço de lazer da população paulistana. Até o final do século XIX era a principal atração da cidade.

A recuperação da Casa do Administrador representa uma conexão com a história e, em especial, com o embrião de uma política de arborização para a cidade de São Paulo. Antonio e Arthur Etzel, diretores do antigo Departamento de Parques, Jardins e Cemitérios, foram figuras chave naquele momento, quando a cidade começava a se preocupar com a arborização de suas ruas e áreas verdes em meio à transformação radical que estava em curso: São Paulo crescia e se plasmava na grande cidade. Esta casa foi, por mais de 70 anos, moradia da família Etzel, e hoje é devolvida à cidade totalmente recuperada, revelando aspectos estéticos desconhecidos por todos, antes encobertos por sucessivas camadas de pintura e usos diversificados.

Este livreto foi concebido como homenagem a este importante patrimônio. Aqui imagens e textos documentam o processo de recuperação e também o passado da casa, em registros gentilmente cedidos pela família Etzel e fotos do processo de recuperação do imóvel. Trechos do livro “Um Médico do Séc. XX Vivendo Transformações”, de Eduardo Etzel, estão também reproduzidos aqui, informando, através de suas memórias, um pouco mais da história da casa e testemunhando o processo de constituição do paisagismo do parque da Luz e da instituição de uma política pública de arborização para a cidade.

Assim, o registro do restauro no presente se une às memórias de duas gerações da família Etzel: Eduardo, filho de Antonio e irmão de Artur Etzel, e Maria Cristina, neta de Arthur Etzel. Esses diferentes tempos da casa se sobrepõem e, juntos, acabam por nos fornecer, também, um retrato da evolução dos costumes e da história da cidade.

A recuperação da Casa do Administrador é uma justa homenagem a um parque que já completou 200 anos, e se soma aos já restaurados coreto, ponto de bonde e Casa de Chá. O Parque da Luz continua a nos surpreender.

Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho
Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente

Dos meus tempos de colégio trago as lembranças e sensações que tive quando entrei no Parque da Luz pela primeira vez: árvores tão grandes que precisava esticar o pescoço para alcançar suas copas; os bichos-preguiça que ficavam no alto das grandes figueiras e um clima agradável, ameno e refrescante, em contraste ao calor abafado do cimento armado característico do centro de São Paulo.

Por Ordem Régia de 19 de novembro de 1798, o atual Parque da Luz dava seus primeiros passos, na época como Horto Botânico. Devido à carência de uma área de lazer, a população e turistas reivindicavam seu espaço e em 1825, como Jardim, foi aberto ao público.

Transformado em primeiro Jardim Público, denominação recebida em 1838, testemunhou várias décadas de grandes transformações em consequência do auge da economia cafeeira. Nestes idos de grande ascensão da Província temos a Gruta com Cascata e Mirante e o Aquário da Diana, filhos do paisagismo inglês, arte de construção que imita a natureza reproduzindo rochas, galhos de árvores, cipós, animais e ambientes naturais.

Somente no ano de 1916 recebeu oficialmente a denominação de Jardim da Luz, título que já era muito utilizado pela população devido à sua proximidade ao Convento da Luz e para diferenciá-lo dos outros jardins públicos.

Lembro-me de uma tarde de domingo, quando estava ao lado da Casa do Administrador e duas mulheres vieram em minha direção. Perguntei: “Posso ajudar?”. Uma delas respondeu: “Vim ver a casa que nasci e onde morou minha família!”. Fiquei paralisado tamanha emoção, não tenho dúvidas que o universo conspira. Estava procurando essas informações e, passado o susto, ouvi relatos preciosos como “aqui ficava a árvore de Natal...este era o quarto do vovô Tutuio (Arthur Etzel) e aqui de minha mãe Kika (Maria Antonieta Etzel)”. Ali começava meu apreço a toda família Etzel e admiração ao trabalho pioneiro de Antonio e seu filho Arthur com os Jardins, Praças e Arborização Urbana da cidade.

A Casa do Administrador, com seu refrescante e enigmático porão e a grande varanda, que são meus locais favoritos, foi a mais recente restauração dentro do parque, bem tombado pelos órgãos de patrimônio histórico. Antes dela foram restaurados o Ponto de Bondes, o Coreto e a Casa de Chá / Ponto Chic, exemplos agora renascidos da São Paulo no início dos tempos de República.

Como cidadão paulistano convido você para vir desfrutar deste espaço público verde com construções arquitetônicas únicas e uma grande frequência e diversidade de público. Obras de arte, esculturas e estátuas se misturam a árvores centenárias e animais silvestres livres como numa floresta. Aqui é fácil ver bem de perto o sabiá, que nos meses de primavera, época reprodutiva das aves, nos desperta com seu canto melodioso e madrugador para marcar território e conquistar sua parceira!

André Camili Dias
Biólogo e Administrador do Parque Jardim da Luz

Meu bisavô Antonio morava na Casa do Jardim da Luz desde que foi construída, trabalhando como administrador dos Parques, Jardins e Cemitérios de São Paulo. Vovô Tutuio, como chamávamos nosso querido avô Arthur, filho de Antonio, casou-se com minha avó Luiza aos 29 anos, e ela com 25. Foram morar no Parque da Água Branca, pois vovô Tutuio era seu administrador.

Quando meu bisavô Antônio morreu, meu avô Arthur já morava numa casa na rua Franco da Rocha. Convidaram-no a assumir o lugar do pai como administrador dos Parques, Jardins e Cemitérios de São Paulo, e ele mudou-se então para a Casa do Jardim da Luz.

A casa nos traz recordações maravilhosas. Minha mãe, Maria Antonieta, casou-se com meu pai, Flávio De Mingo. Tiveram duas filhas: Luiza Beatriz e eu, Maria Cristina. Moramos seis anos na Casa do Jardim da Luz. Minha irmã Luiza também se casou lá. Seu noivado foi inesquecível porque foi junto com as Bodas de Ouro dos meus avós Tutuio e Iza.

Éramos sete netos e aproveitamos muito a casa, o cercadinho na frente, onde vovô colocou uma casa de boneca, escorregador e gangorras. O porão era o escritório do vovô, um paraíso para os netos porque tinha tudo o que crianças gostam (livros de flores, plantas exóticas, máquinas, relógios e tranqueiras). Brincávamos de esconde-esconde nas camélias, pegador, fazíamos passeios até o coreto, aos lagos, ao aquário, ao roseiral, andávamos de bicicleta vendo os fotógrafos lambe-lambe tirando fotos das pessoas.

Todo sábado vovô ia fazer compras no Mercadão Municipal e trazia o que cada um gostava. Ficava todo orgulhoso nos almoços de domingo, às 12h em ponto, sentado na cabeceira da mesa, na sala de jantar, com todos os filhos, genro, noras e esposa. Nós, os netos, almoçávamos na cozinha, onde havia um grande fogão a lenha.

Vovô Tutuio morreu aos 81 anos e nessa época era administrador do Parque Ibirapuera, pois teve que deixar a administração dos Parques, Jardins e Cemitérios quando completou 67 anos. Ele trabalhou com 40 prefeitos. Teve um amor grande pela cidade de São Paulo, seus jardins, praças, cemitérios e pelo viveiro Manequinho Lopes. Deixou para seus descendentes o exemplo de homem honrado, trabalhador, humilde e brincalhão.

*Maria Cristina Etzel de Checchi e Luiza Beatriz De Mingo Badin
Bisnetas de Antonio Etzel*

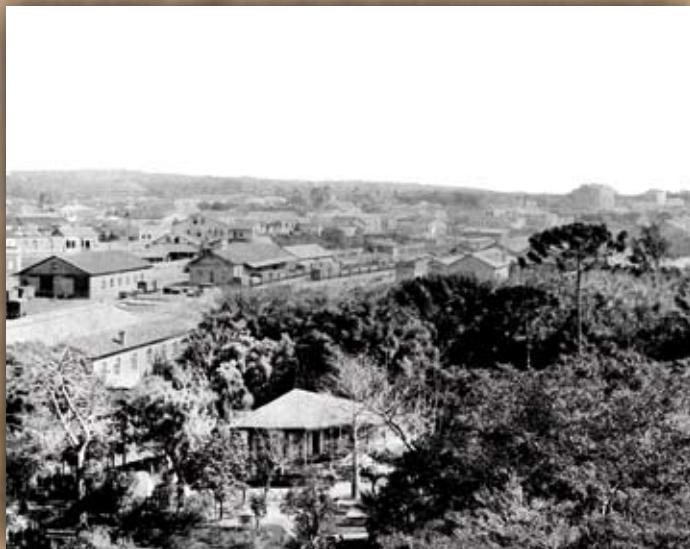
Introdução

Em 1899, o prefeito da cidade, Antonio Prado, nomeou para administrar o Jardim da Luz Antonio Etzel, um austríaco que era jardineiro de sua mãe, Dona Veridiana. Etzel providenciou a construção da casa que hoje abriga a administração do Parque e permaneceu como administrador até 1930. Durante este período, sob a sua competente gestão, o Parque teve uma fase de grande esplendor. Naquela época eram realizadas apresentações de bandas musicais, festas e eventos públicos que atraíam a burguesia e a população de bairros vizinhos. Antonio Etzel foi sucedido por seu filho Arthur, que permaneceu na administração do Parque até falecer em 1971.

Virgínia T. V. Tristão
Coordenadora do Programa Trilhas Urbanas

“A localização desta ampla e primeira área de lazer de São Paulo era no caminho de Santana, em lugar conhecido como Guaré, mas que a presença do Convento da Luz levou a modificações no nome. Assim, em 1868 consta no mapa como Caminho da Luz, em 1877, Avenida da Luz, em 1881 e 1890, Campo da Luz. Em 1897, no trecho em frente à entrada do Jardim Público, Largo do Jardim e mais adiante, no sentido de Santana, o nome Avenida Tiradentes substituiu a antiga Avenida da Luz. (...)

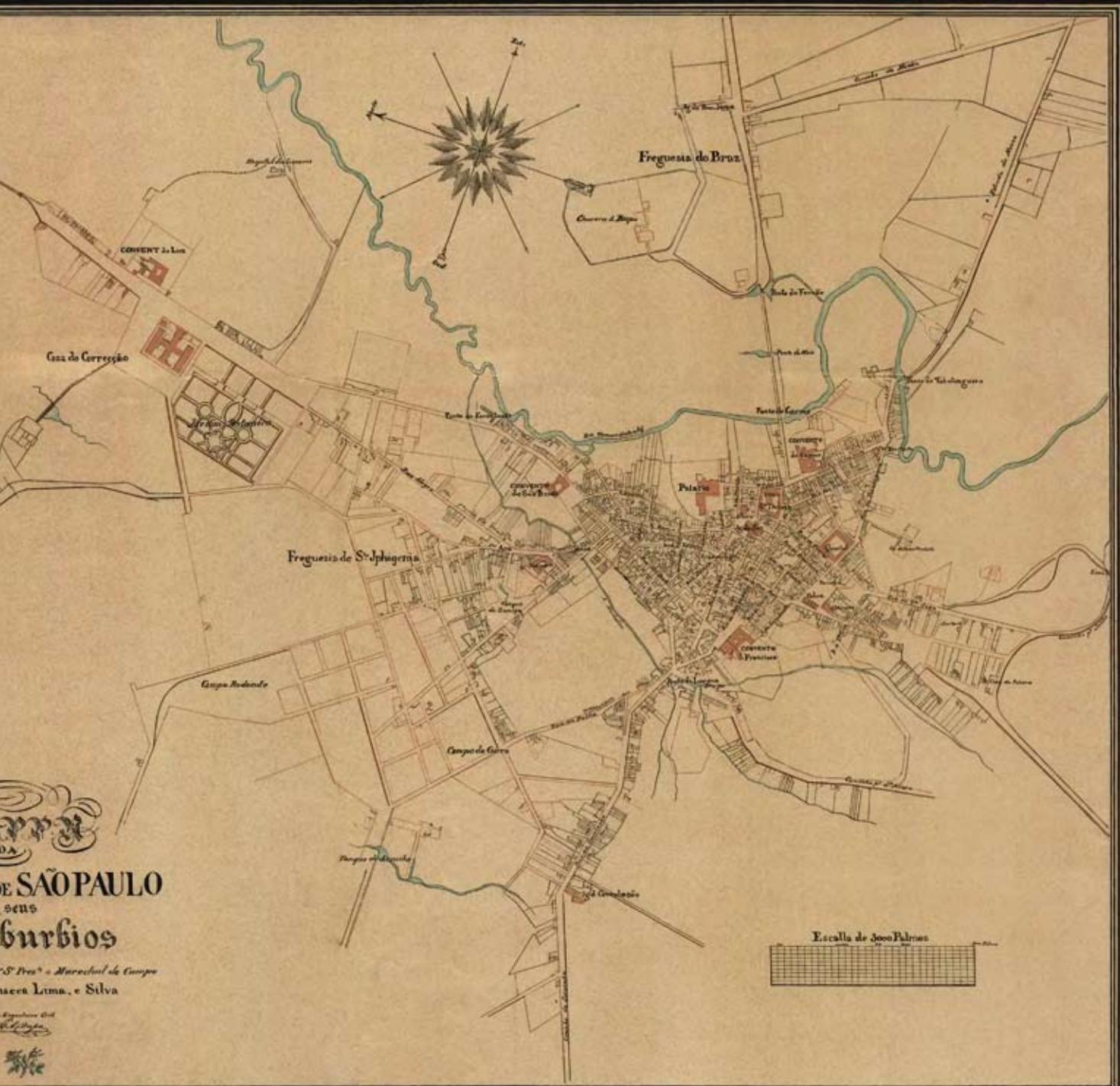
Na entrada do século XX São Paulo tinha ao que parece apenas três áreas ajardinadas no centro: o Largo São Bento, o Largo São Gonçalo, depois Praça João Mendes, e uma área de lazer também ajardinada no Largo do Palácio. No mais, os largos eram apenas espaços amplos, campos que a tradição e a própria expansão da cidade foram criando em meio às ruas e ao casario que aumentava constantemente.”



Vista do Jardim Botânico, 1919

Trecho do Livro “Um Médico do Séc. XX Vivendo Transformações” de Eduardo Etzel

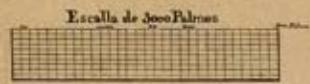





 DE SÃO PAULO
 e seus
 Subúrbios

de São Paulo e seus Subúrbios
 por
 Manoel Luma, e Silva

Impressão em
 São Paulo



Antonio Etzel e manacá, 1922



*Antonio Etzel e seu filho caçula
Eduardo Etzel, 1926*

Meu pai foi nomeado Administrador dos Jardins Públicos, o que bem demonstra a intenção de se fazerem novos jardins urbanizando os largos pré-existentes num esforço de embelezar a cidade. As ruas, por outro lado, não eram arborizadas, sendo tradição no Brasil a ausência de árvores nas vielas antigas, que por serem estreitas e irregulares não comportavam árvores de porte. Foi assim que o século XX encontrou São Paulo, com seu verde resumido no Jardim Público e nas três aludidas praças. No mais, o arvoredo estava nos grandes quintais e chácaras da cidade e na mataria residual, mantendo-se uma situação por assim dizer secular, setecentista...



Antonio Etzel

“Meu pai foi nomeado Administrador dos Jardins Públicos, o que bem demonstra a intenção de se fazerem novos jardins urbanizando os largos pré-existentes num esforço de embelezar a cidade. As ruas, por outro lado, não eram arborizadas, sendo tradição no Brasil a ausência de árvores nas vielas antigas, que por serem estreitas e irregulares não comportavam árvores de porte. Foi assim que o século XX encontrou São Paulo, com seu verde resumido no Jardim Público e nas três aludidas praças. No mais, o arvoredo estava nos grandes quintais e chácaras da cidade e na mataria residual, mantendo-se uma situação por assim dizer secular, setecentista...”



*Antonio Etzel com seu neto Alberto Etzel
(filho mais velho de Arthur Etzel)*



*Casamento de dona Kika (Maria Antonieta)
na sala principal da casa com Flávio De Mingo, 05/01/1944*

“Lembro-me do que era a Administração dos Jardins da minha infância. Morávamos no Jardim da Luz, na casa da Administração. O viveiro de plantas era atrás da Cadeia Pública, onde hoje está a Garagem Municipal, na rua Afonso Pena, e também do outro lado da rua onde hoje está o colégio e a igreja salesiana e o jardim em frente à Escola Politécnica. O viveiro maior era na Av. Água Branca, na antiga Escola de Pomologia e onde hoje é o Parque da Indústria Animal. Nestas duas áreas semeavam-se e se faziam crescer as futuras árvores das ruas de São Paulo. Mas havia também o miniviveiro, onde se criavam as plantas de flores que eram transplantadas para os canteiros dos jardins. Localizava-se num canto do Jardim da Luz, num triângulo junto da minha casa e atrás do muro do Grupo Escolar Prudente de Moraes e era dirigido por um jardineiro italiano, Emilio Fávero. Lá estava uma estufa quente toda de vidro, que fora importada da Europa, com caldeira e aquecimento para uma temperatura constante, com duas seções: a tropical, quente, e outra de temperatura ambiente. Criança, vivia neste viveiro acompanhando o trabalho dos dois jardineiros e atazanando-os com perguntas e traquinagens.”



*Da esquerda para direita:
Conrado Iversson, Antonieta Etzel Iversson,
Anita Vicari e Luíza Vicari Etzel.
Ao fundo, a Casa do Administrador, 1919*



*Em pé: Gastão Etzel, Antonieta (Fifi) Etzel e Arthur Etzel
Sentados: Antonio Etzel, Eduardo Etzel e Endóxia Etzel, 1911*



Maria Antonieta Etzel, a Dona Kika, 1935



*Casamento da filha do Administrador Antonio Etzel em 1919,
Antonieta Etzel Iversson (mãe de João Antonio e Renato Iversson)
com Conrado Iversson.*



*Os irmãos Maria Antonieta Etzel, Alberto Etzel
e Antonio Etzel Neto*

“No quintal de nossa casa havia um barracão com uma parte para depósito de madeira e outra para a carpintaria, onde o carpinteiro, Celso Somadoci, fazia as escadas de pinho de riga para os podadores, amolava machados na pedra de amolar movida por ele mesmo à mão e afiava serrotes para a poda das árvores. Fazia ainda as carrocinhas e os carrinhos usados pelos operários.”



*Torre Meteorológica conhecida como
"Canudo do Dr. João Teodoro" - Séc XIX*



Lago Cruz de Malta - Séc. XIX



Estação da Luz, Séc XIX



“O portão alto de nossa casa, que dava para a rua Ribeiro de Lima, estava dividido em duas partes. Numa ficava o almoxarifado, onde se guardavam as ferramentas novas e apetrechos da repartição. No outro lado era o escritório, onde meu irmão Arthur fazia as folhas de pagamento, as plantas dos jardins e praças, os ofícios para o Prefeito e onde, por ocasião dos pagamentos, distribuía os envelopes com o salário de cada operário. Assim era constituída nas primeiras décadas deste século [XX] a administração dos jardins: o Administrador, o ajudante, alguns feitores e a turma de operários, quase todos imigrantes italianos e portugueses”

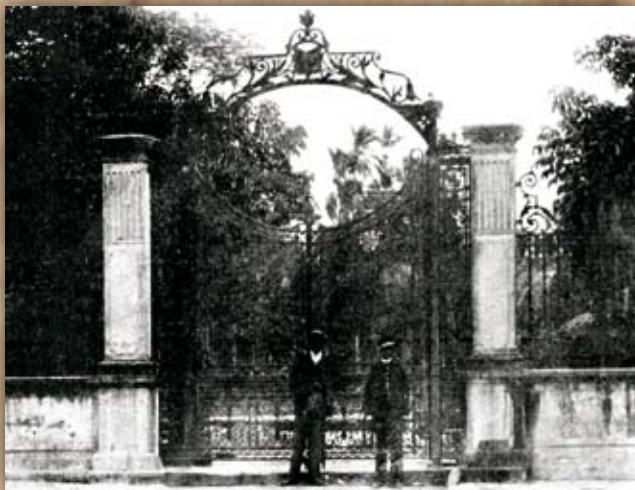
“Foi precisamente neste primeiro decênio do século [XX] que se construiu grande parte do verde de São Paulo. A visão do conselheiro Antonio Prado faria de São Paulo uma cidade moderna nos moldes das grandes capitais européias, estabelecendo um plano urbanístico que foi o alicerce onde outros administradores puderam acrescentar melhoramentos, legando-nos a cidade em que hoje vivemos. Estava em seus planos o embelezamento da urbe, cuja execução foi confiada a meu pai.”



*Pintura em prato feita por Roberto Etzel
(irmão de Eduardo Etzel) - 1906*



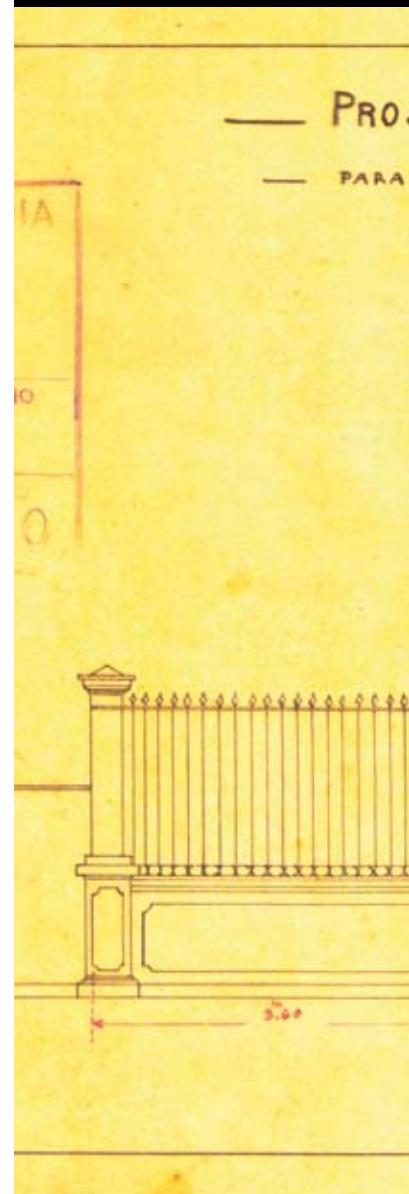
“Começou-se pela reformulação do Jardim da Luz, com a implantação dos grandes gramados e novo traçado com a rua circular toda arborizada com jaqueiras, aproveitamento dos grupos de árvores antigas formando alguns bosques, permanecendo o tanque central em forma de cruz, a cascata e a ilha.”



Portão de face para Estação da Luz



Primeira entrada do Jardim Público com face para Av. Tiradentes - Séc. XIX

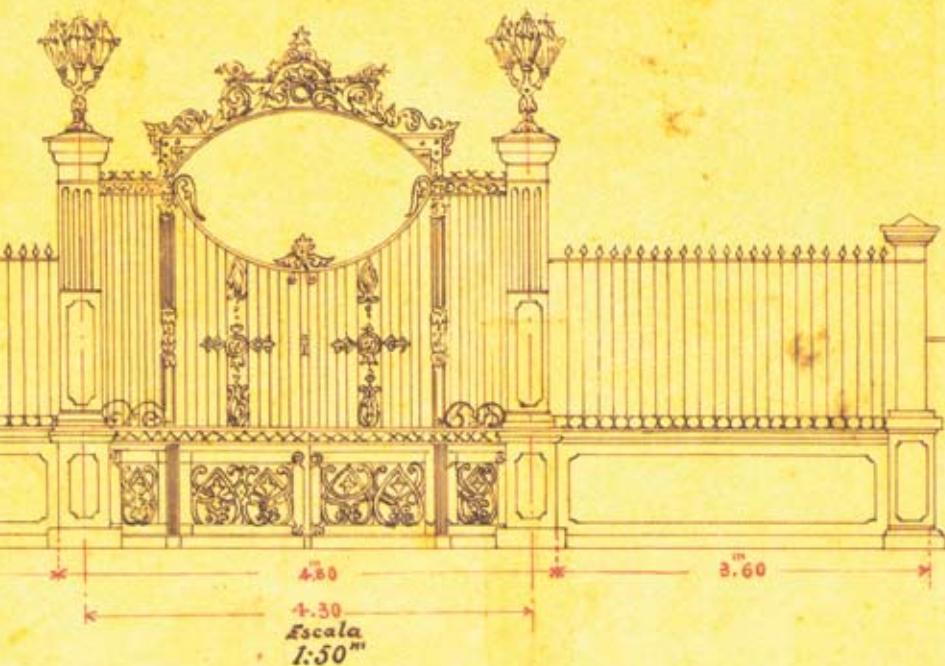


PROJECTO DE UM PORTAO E GRADIL

A RUA PROJECTADA NO

JARDIM PUBLICO

*Paulo Luiz
Director da Superintendencia.*



Revisado e alterado por

*M. Speer
Eng. p. M. C.*

*São Paulo
5 de Maio de 1890*



Coreto com a banda da Força Pública

“Construíram-se dois grandes cercados para vedados de duas raças distintas, o quiosque que chamávamos de botequim, o coreto para as retretas da banda da Força Pública, onde regeria no futuro o tenente Antão Fernandes, o viveiro dos macacos, com um famoso e terrível macaquinho albino, Martinho, e o cercado dos patos e aves exóticas, com capivaras, pacas e cutias, e algumas jaulas com o lobo brasileiro (guará), o urubu-rei e a águia, além de um viveiro de passarinhos.”



*“...Sempre que vínhamos a São Paulo, visitávamos o Jardim da Luz.” -
Dr. Euclides Costa (1925)*



Inauguração da Herma de Garibaldi por Olavo Bilac, 1910.

“Em 1910 foi inaugurada no Jardim, por Olavo Bilac, a herma de Garibaldi em meio a um belo ajardinamento. Todos os anos havia um festejo com garibaldinos, todos de barrete e camisa vermelha, cheios de medalhas, barbudos. Havia grande afluência de italianos, ainda efusivos no seu patriotismo e amor pela longínqua Itália. O desespero de papai nessas ocasiões era que, com a reunião, os discursos inflamados e a banda de música arrasavam os canteiros, que tinham que ser todos replantados. E é de se lembrar que na época era proibido pisar na grama e colher flores, com multas e uma estreita fiscalização.”



Coreto das Festas em homenagem a Garibaldi. Tempos depois, a herma foi instalada neste local.



Inauguração da Herma de Garibaldi, 1910.



Estação da Luz, 1902.



“No início o Jardim assim reformado e tratado atraía as crianças das famílias ricas da cidade, que lá brincavam vigiadas pelas suas governantas européias. Também os primeiros automóveis tinham autorização para rodar pela alameda circular. Os bichos atraíam o interesse das crianças, que afluíam em grande número ao sofisticado passeio no Jardim da Luz. Aos poucos o parque foi se popularizando e entrando em decadência com a vulgarização da freqüência. A população crescia, os quartéis próximos abrigavam muitos recrutas e soldados que, com prostitutas, passaram a freqüentá-lo. A Estação da Luz, com seu grande movimento, atraiu toda sorte de marginais que exploravam os imigrantes. Além disso o Bom Retiro italiano foi deslocado pela colônia judaica e seu comércio. O crescimento da população ao redor obrigou ao uso do jardim como passagem forçada. Finalmente, em 1930 o prefeito Pires do Rio mandou retirar o gradeado e remover os bichos; a abertura do logradouro transformou-o em uma grande praça sem nenhuma personalidade. As belas grades de ferro fundido e os monumentais portões desapareceram em alguma fundição. Foi só recentemente que se restabeleceu o fechamento do jardim, com o mesmo espírito com que se fechou também o parque Siqueira Campos na Avenida Paulista. O Jardim da Luz, se não voltou a ser o que era, pelo menos adquiriu de novo sua personalidade de jardim fechado. Com as facilidades do trânsito motorizado, desapareceu a necessidade de atravessá-lo como antigamente, passando ele a ser novamente um centro de lazer, como era há 179 anos.”





*Arthur Etzel, último da família
a administrar o parque*



Restaurero



Histórico da Obra de Restauro e Conservação da Casa do Administrador - Parque da Luz:

(Elaborado e redigido por Lia Mayumi e Mauro Sanches em 22/10/2007)

A Casa do Administrador, objeto de obra de restauro e conservação realizada entre dezembro de 2006 e julho de 2007, foi construída em 1901 em substituição a uma mais antiga no interior do Jardim da Luz.

O Projeto e suas diretrizes de intervenção são de autoria do DPH (SMC) e foram embasados em prospecções arquitetônicas que indicaram diversas alterações e acréscimos volumétricos, efetuados ao longo dos anos de uso da família Etzel.





O Restauro



Este Projeto preconizou também a manutenção dos acréscimos coerentes com o conjunto da construção original, ocupada por duas gerações da família Etzel (cômodo utilizado como o terceiro dormitório e o conjunto de cômodos com usos definidos de cozinha, banheiro e despensa).

Ao mesmo tempo, optou-se por demolir alterações volumétricas mais contemporâneas, que descaracterizavam a harmonia plástica desta edificação (a saber, a ampliação do cômodo, utilizado como sala de refeições das crianças e do conjunto de cômodos na fachada dos fundos, representados por uma lavanderia, ampliação da cozinha e do sanitário da casa).



A Cobertura



Foi resgatada também a configuração mais coerente da cobertura da edificação, inclusive do telhado independente da varanda, promovendo-se também a substituição necessária e a imunização do madeiramento, assim como a instalação de manta aluminizada, subcobertura para proteção térmica e quanto a infiltração de água de chuva.



Acessibilidade

O projeto final dotou a casa de acessibilidade para o portador de mobilidade reduzida, em conformidade com projeto aprovado junto à CPA (Comissão Permanente de Acessibilidade / SEHAB), através da edificação de um conjunto de rampas nos fundos e também pela adaptação do sanitário com maior área.





O Porão



Os cômodos do porão encontravam-se praticamente sem condições de uso. Ao longo dos anos passaram por usos diversos, servindo inclusive como depósito de materiais. Dentre os problemas encontrados podemos destacar: paredes e madeiramento do teto com problemas de umidade, fiação exposta, pisos e rodapés com manchas, sujeira e sem tratamento, janelas e vidros quebrados, várias camadas de pintura nas paredes escondendo as pinturas decorativas existentes. O restauro do porão permitiu recuperar uma área importante resgatando pinturas decorativas.





Além desta modernização, promoveu-se a implantação de iluminação interna e externa com tratamento e efeito luminotécnico em alguns cômodos.

No sentido de se adequar esta edificação às novas condições de uso previstas e assim atender às normas técnicas vigentes, coube à Secretaria do Verde e Meio Ambiente a contrapartida de custeio e de acompanhamento técnico da contratação dos projetos executivos e da realização das obras e foram então executadas novas instalações prediais: redes elétrica, hidráulica (água, esgoto e águas pluviais), telefonia e lógica, assim como a implantação de sistema de proteção contra descargas atmosféricas.



Pinturas

Da mesma forma, o Projeto preconiza a cor branca para as paredes internas e forros, de forma a se neutralizar os ambientes e mesmo para destacar, nos cômodos, os testemunhos (trechos que tiveram a pintura decorativa exposta e reintegrada).



Foi também prevista e executada toda a infra-estrutura necessária para a instalação de equipamentos autônomos para a climatização dos seis cômodos localizados no térreo e porão, que dão frente à rua Ribeiro de Lima.

A pintura nas esquadrias e as pinturas murais existentes em cômodos do térreo e do porão encontravam-se encobertas por diversas camadas de tintas. Inclusive três padronagens decorativas, existentes tanto no térreo como no porão, foram prospectadas e estudadas de forma conclusiva, passando então por processo de restauro e reintegração que devolveu a alguns ambientes internos padrões pictóricos representativos do início do século XX. Os estudos cromáticos das pinturas dos elementos de madeira e das fachadas externas subsidiaram as definições das cores que foram adotadas, similares às originais.







O Restauro







Quanto às paredes externas, através de estudos cromáticos foi possível a definição das cores a serem adotadas nas fachadas e nas esquadrias internas e externas da Casa.



No início da obra, foram apresentadas previamente para a aprovação da fiscalização as amostras de ladrilhos e perfis de madeira para diversas utilizações.





O Restauro

Da mesma forma, foram confeccionadas réplicas de esquadrias existentes (em madeira e metálicas) diante da impossibilidade de restauro ou pela ausência do próprio elemento.







O Restauro













“(…) No começo do século XX a cidade se expandiu vertiginosamente com os arruamentos das inúmeras chácaras do século XIX, com ruas bem traçadas e largas que não só comportavam como pediam uma arborização conveniente. Esta providência dependeu naturalmente da escolha das espécies florestais adequadas, sem raízes invasivas, como no caso dos ficus que invadem a canalização de esgotos e levantam as calçadas. (...) Houve (...) a escolha de cerca de seis espécies: plátano (*Platanus orientalis*), *Ligustrum japonicum*, magnólia de duas espécies, *Tipuana speciosa* e *Jacaranda minosaefolia*, com floração azul. Naturalmente as árvores eram plantadas em secção de ruas sempre no intento de criar um aspecto agradável à cidade.(…) O que resta desta arborização da paulicéia da primeira metade deste século XX é pouco. Muitas ruas ainda conservam árvores desta época, podendo-se citar a rua Sabará, que ostenta os belos espécimes de magnólia, ou as tipuanas da av. Dr. Arnaldo, que por pouco não foram vítimas do machado do ‘progresso’. As árvores antigas sofreram os insultos da cidade em evolução. Muitas cortadas por estarem em frente a portões de garagem, outras cortadas por influência política, muitas depredadas pelos vândalos que as decorticavam, além das podas exageradas por causa dos fios elétricos e de telefone, ao que se pode acrescentar a própria idade avançada e a morte natural. O que hoje ainda vemos da primitiva arborização é quase um vestígio do que foi plantado, já que as árvores morrem como todos nós, mas sua substituição já é impossível numa cidade hostil ao seu crescimento, nesta era do automóvel, da poluição atmosférica e da violência urbana.”

São Paulo
março de 2008